

DISCUSSÃO LIVRE

Caracterização da técnica

Formal de pequeno grupo com livre apresentação de idéias, sem qualquer limitação quanto à liberdade. Possibilita o máximo de criatividade e estímulo, permitindo o exame de alternativas para solução de problemas dentro de uma atmosfera de reflexão e comunicação.

Esta técnica é útil para:

- estabelecer fundamento do estudo de um tema.
- discussão de problemas e exame de soluções.
- explorar novas possibilidades, assegurando idéias dinâmicas e novas que poderão ser aproveitadas.
- tomada de decisão cujo cumprimento não seja urgente.
- ambiente para avaliação do processo do grupo.

Esta técnica funciona quando:

- grupo não possuir mais de 15 membros ou use mini-grupos de 5.
- membros forem relativamente maduros e quando se conhecem o suficiente para dialogarem livremente.
- criar uma atmosfera de liberdade de expressão.
- não houver comprometimento com padrões e fórmulas usuais.
- membros do grupo possuírem flexibilidade para criar novas soluções ou apontar novas diretrizes.
- grupo for homogêneo.
- grupo tiver objetivos comuns.
- ter tempo suficiente para abordar-se o problema com calma e método.

Como usar a técnica

- estabelecer a amplitude do problema a ser debatido, fixando as linhas de discussão e o tempo disponível para a discussão.
- proporcionar um ambiente informal que facilite a comunicação e a cooperação entre os membros.
- interpretar a técnica a ser usada na reunião.
- designar um encarregado para fazer as anotações e registros das idéias apresentadas.
- esclarecer que são normas da discussão livre:

As idéias têm de ser expressas sem qualquer limitação quanto às possibilidades de execução.

As idéias só serão rejeitadas se não se relacionarem com o assunto em discussão, ou seja, podem ser desenvolvidas e detalhadas, mas Não restringidas (função do logicizador, conforme consta da relação de TÉCNICAS).

DISCUSSÃO 6/6, ou, PHILLIPS

Caracterização da técnica

Trata-se do fracionamento de um grupo numeroso em pequenos grupos a fim de facilitar a discussão. A origem provém do fato de haver sido o método difundido por J.D. Phillips, e por serem os pequenos grupos compostos por 6 pessoas que discutem o assunto durante 6 minutos. Entretanto, essa característica não é rígida, e o grupo alterar tanto o número como o tempo, de acordo com a conveniência. A técnica permite a participação de todos os presentes numa atmosfera informal; estimula a troca de idéias, encoraja a divisão de responsabilidades; ajuda os membros a se libertarem de suas inibições e participação num debate.

Esta técnica é útil para:

- obter informações do grupo sobre seus interesses, problemas, etc.
- coletar dados e sugestões dos participantes para aproveitamento no planejamento de atividades, programas, projetos.
- criar um clima de receptividade que facilite o aprendizado.
- explorar e buscar soluções para problemas.
- garantir participação operativa e efetiva de todos os membros do grupo.

Esta técnica funciona quando:

É conveniente diluir o formalismo de um grupo e criar um clima de cooperação e envolvimento pessoal dos membros.

...jarmos os níveis de participação e comunicação,
necessário reunirmos rapidamente as idéias, sugestões ou opiniões de um grupo.
jarmos obter ou verificar se existe consenso.
jarmos verificar cada membro com o grupo.
jarmos estimular a discussão e o raciocínio.
...turezza do assunto exigir sua discussão em grupos pequenos.
jarmos obter uma visão pluridimensional do assunto.
...ndições físicas do ambiente permitirem o deslocamento de cadeiras e sua arrumação em círculos.
...retender enfatizar a troca de experiências. A técnica é de pouca valia para difusão de informações, salvo
...ouver permutação entre os grupos.

...sar a técnica

...ejar, com antecedência, as perguntas, problemas ou roteiro de discussão que serão colocados aos
...rupos.
...car ao grupo o funcionamento da técnica, sua finalidade, o papel e as atitudes esperadas de cada membro
...empo disponível para a discussão.
...ir o grupo em subgrupos, aproveitando para colocar juntos os membros que ainda não se conheçam e
...r as "panelinhas".
...itar aos membros dos pequenos grupos que se apresentem, escolham um coordenador para os debates e
...elator ou secretário para fazer as anotações.
...grupo deve ser montado com um número de membros igual ao número de subgrupos. Isto possibilitará a
...ão dos grupos como indicado em "h".
...buir cópias escritas dos assuntos a serem discutidos.
...reecer qual o tempo disponível. O tempo pode ser prorrogado, se conveniente.
...inado o tempo, cada elemento de cada subgrupo receberá um número.
...a os subgrupos tornam a se reunir, mas todos os "1" num grupo; todos os "2" noutros; e assim por diante.
...um apresentará para o subgrupo as conclusões do seu antigo subgrupo.
...elatores dos subgrupos (os dois) reunir-se-ão para elaborar um único relatório, que poderá ser oral ou
...to, para apresentá-lo ao grupo.

...r as trocas com o cuidado de romper as "panelinhas" e fazer as "aproximações". Pode ser feito um sistema
...amento do texto.

DRAMATIZAÇÃO, ou, ROLE PLAYING

...erização da técnica

...iste na encenação de um problema ou situação no campo das relações humanas, por duas ou mais
...oas, numa situação hipotética em que os papéis são vividos tal como na realidade. A síntese desses
...is é um dos aspectos mais importantes do método. Os que vão encenar devem compreender o tipo de
...oia que dever interpretar durante a dramatização. O resumo do papel deve conter apenas a condição
...cional e as atitudes a serem adotadas, sem detalhes sobre aquilo que deverá ocorrer durante a
...sentação.

...ca permite a informalidade e assegura a participação psicológica do indivíduo e do grupo; elimina as
...e facilita a comunicação.

...ca é útil para:

...envolver a capacidade de relacionamento com outras pessoas através da compreensão da natureza do
...ortamento humano.
...reecer dados de relações humanas que podem ser utilizados para análise e discussão.
...itar a comunicação, "mostrando" e não "falando".
...tunidade para que os indivíduos "representem" seus problemas pessoais. Os que na vida real não puderam
...nhecê-los, compreende-los, quando viverem em cena, irão reconhecer sua falta de habilidade para lidar
...os outros, podendo aprender a enfrentar o seu problema ao vê-lo retratado no grupo.
...no grupo uma atmosfera de experimentação e de possível criatividade.
...personalizar o problema dentro do grupo. Quando apresentado em cena, abstraídas as personalidades dos
...utantes reais, há maior liberdade de discussão.

...écnica quando:

...adrões e o controle social do grupo são de molde a garantir um nível de comentário e discussão que não
...m psicologicamente os membros.
...divíduo reconhece a necessidade de aprofundar-se nos seus verdadeiros motivos, impulsos básicos,
...eios e ajustamentos, a fim de aumentar sua eficiência como membro do grupo.
...atores" sentem-se relativamente seguros a ponto de quererem "expor-se" ao grupo, ou seja, expor seus
...imentos, suas atitudes, suas frustrações, sua capacidade e suas aptidões.
...ir-se como coordenador ou instrutor, bastante seguro dos objetivos que pretende atingir ao usar a
...ica.

o for mudar as atitudes de um grupo.
eseja preparar um ambiente ideal para resolver problemas.

sar a técnica

sentar ou definir o problema que será dramatizado.

r a simulação ou os aspectos específicos de relacionamento humano a serem enfatizados na dramatização.
ir ou apresentar quais os papéis necessários à encenação.

lher os atores, os quais planejarão as linhas gerais de seu desempenho, ou seja, a condição emocional e
itudes a serem adotadas, sem especificar o que deverá ser feito na encenação.

rópios "atores" poderão armar o "palco" que dispensará excessivo mobiliário e roupa, dando ênfase à
rificação verbal da situação.

ensaios" terão caráter de reuniões preparatórias onde as características dos papéis serão examinadas, sem
cupação quanto à "perfeição da representação" dos atores.

rminar ou definir o papel de grupo a ser desempenhado durante e após a dramatização, o que conclui a
lha do tipo de debates que se seguirá, bem como a determinação dos aspectos que deverão ser
ados.

zar a dramatização em tempo suficiente para permitir a apresentação dos dados, evitando-se a demora
ssiva.

instrutor achar conveniente, poderá consultar o grupo quanto ao seu interesse em repetir a dramatização
a inclusão de idéias e sugestões que forneçam novo material para aprofundamento de debate.

rão, também, ser usados outros artifícios, como por exemplo, a substituição dos papéis (troca) para
icação de sentimentos e atitudes, possibilitando a um personagem "colocar-se na pele do outro". É um
de reversibilidade, a favor e contra, ou tarefa invertida.

ENTREVISTA

erização da técnica

uma rápida série de perguntas feitas por um entrevistador, que representa o grupo, a um especialista em
do assunto. Este, geralmente, não pertence ao grupo, ao contrário do entrevistador que é membro dele. É
mal que a preleção é mais formal que o diálogo.

ca é útil para:

r informações, fatos ou opiniões sobre algum assuntos de importância para o grupo.

ular o interesse do grupo por um tema.

eguir maior rendimento de um especialista que seja versátil ao falar sozinho perante um grupo.

écnica quando:

upo é numeroso, o que tornaria ineficiente o interrogatório indiscriminado dos membros do grupo ao
entrevistador.

as técnicas forem desaconselhadas.

os membros do grupo (entrevistador) possuir boa capacidade de relações humanas ou de comunicação e
rança para poder obter as informações desejadas do especialista.

cnica poderá ser utilizada com um elemento novo no grupo.

sar a técnica

idar um especialista no assunto.

ar um entrevistador, que organizará com o especialista um questionário e fixará a duração e a maneira de
uzir a entrevista. O entrevistador poderá obter do grupo os temas principais a serem enfocados e deverá
r como intermediário entre o grupo e o especialista.

revista deverá ser mantida em tom de conversa e as perguntas devem ser formuladas de forma a evitar
ostas do tipo "sim" ou "não".

er as perguntas ao nível de entendimento geral do grupo. O entrevistador, por sua vez, evitará a
inologia técnica que não esteja ao alcance do grupo.

GRUPO DE COCHICHO, ZUM-ZUM ou FACE A FACE

erização da técnica

a divisão do grupo em subgrupos de dois membros que dialogam, em voz baixa, para discutir um tema ou
uma pergunta, sem requerer movimento de pessoas. Após, é feita a apresentação dos resultados do
um método extremamente informal que garante a participação quase total, sendo de fácil organização.

ca é útil para:

entar, apreciar e avaliar, rapidamente, um tema exposto.

ar a reação do grupo, saber o que ele quer.

nsideração de muitos aspectos distintos do assunto.

Técnica quando:

Numero de participantes for, no máximo, 50 pessoas.
Não obter maior integração do grupo.
Não criar o máximo de oportunidades para a participação individual.
Necessário "quebrar o gelo" dos participantes.

Como usar a técnica

Dividir o grupo em subgrupos de dois membros, dispostos um junto do outro (lado ou frente).
Garantir que os grupos de cochicho dispõem de tantos minutos para discutir o assunto, após o que um dos membros exporá o resultado ao grupo, na ordem que for convencionada.
Apresentar a questão e conduzir as exposições, que serão feitas, após o cochicho, de forma objetiva e precisa.

V-GO

Verbalização da técnica

Divisão do grupo em dois subgrupos (GV = grupo de verbalização; GO = grupo de observação). O primeiro grupo é o que irá discutir o tema na primeira fase, e o segundo observa e se prepara para substituí-lo. Na segunda fase, o primeiro grupo observa e o segundo discute. É uma técnica bastante fácil e informal.

A técnica é útil para:

- Introdução de conteúdo de um assunto-problema.
- Introdução de um novo conteúdo.
- Introdução de estudo de um tema.
- Discussão de problema e exame de solução.
- Manter a participação geral do grupo.
- Manter a capacidade de observação e julgamento de todos os participantes. Para isso cada participante do grupo deve cumprir um papel na observação, buscando encontrar aspectos positivos e negativos na objetividade e criatividade do GV.
- Levar o grupo a um consenso geral.
- Envolver habilidades de liderança.

Técnica quando:

Numero de participantes for relativamente pequeno.
Não houver um bom nível de relacionamento e de comunicação entre os membros do grupo.
Necessário criar uma atmosfera de discussão.
Não conveniente diluir o formalismo do grupo.
Querjamos estimular a discussão e o raciocínio.

Como usar a técnica

O coordenador propõe o problema e explica o qual o objetivo que pretende com o grupo.
Explica como se processará a discussão e fixa o tempo disponível.
O grupo é dividido em dois.
O primeiro grupo formará um círculo interno (GV) e o outro um círculo externo (GO).
As do GV debate o tema. O GO observa e anota.
Após o tempo determinado, o coordenador manda fazer a inversão, passando o grupo interno para o exterior e o exterior para o interior.
Durante as discussões, o coordenador poderá apresentar uma síntese do assunto debatido. Poderá ser, eventualmente, marcado um "sintetizador".

LEITURA DIRIGIDA

Verbalização da técnica

Envolvimento pelo grupo da leitura de um texto. O coordenador fornece, previamente, ao grupo uma idéia do texto a ser lido. A leitura é feita individualmente pelos participantes, e comentada a cada passo, com a orientação do coordenador. Finalmente o coordenador dá um resumo, ressaltando os pontos-chaves a serem discutidos.

A técnica é útil para:

- Apresentar informações para o grupo.
- Introduzir um conteúdo novo dentro do programa.
- Interpretação minuciosa de textos, rotinas, etc.

técnica quando:

ma puder ser apresentado por escrito, com número de cópias ou exemplares suficientes para todos os membros do grupo.

interesse do grupo em aprofundar o estudo de um tema.

participação geral não for o objetivo principal.

usar a técnica

designar número de exemplares ou cópias igual ao número de participantes.

reculo continua sendo a melhor maneira de dispor o grupo.

decer inicialmente ao grupo uma idéia geral do assunto a ser explorado.

sentar os aspectos relevantes do tema.

ouver tempo, primeiro fazer uma leitura geral, e só então fazer a leitura ou parágrafo a parágrafo.

a leitura, é saudável uma discussão em grupo.

AINEL COM INTERROGATÓRIO

erização da técnica

no grupo de especialistas em determinado assunto discute e é interrogado por uma ou mais pessoas, e sob a coordenação de um moderador. Trata-se de uma variação de técnica de discussão em painel. Dele n três a cinco pessoas, o moderador e os interrogadores. A discussão é informal, mas as respostas devem com a máxima precisão. O desenvolvimento do assunto baseia-se na interação entre o interrogador e o s perguntas devem ser objetivas.

ca é útil para:

ertar o interesse do grupo para um tema.

utir um grande número de questões, num curto espaço de tempo

sentar diferentes aspectos de um assunto complexo.

veitar a experiência de alguns membros do grupo.

eguir detalhes de algum assunto ou problema.

técnica quando:

mero de participantes é muito grande.

integrantes do painel (moderadores e interrogadores) puderem ser escolhidos entre os membros do próprio o.

upo estiver interessado em aprofundar o tema.

usar a técnica

cionar com antecedência o moderador, os interrogadores e o painel.

oderador deve reunir-se com os interrogadores para fixar a orientação.

reunião, o moderador apresenta ao grupo os integrantes do painel.

guir apresenta sucintamente o assunto e explica a técnica.

interrogadores devem iniciar o interrogatório, expressando as perguntas de maneira clara e concisa. O êxito discussões depende dos interrogadores, que têm grande responsabilidade na condução dos debates, tanto onto do encadeamento da idéia, como do nível de detalhe a que se deve chegar.

oderador intervirá quando houver necessidade de aprofundar um aspecto abordado, esclarecer um ponto

uro, pedir a repetição de uma pergunta ou de uma resposta não compreendida, interpelar algum membro

ainel que estiver sendo prolixo, fugindo do tema central ou interpretando mal seu papel.

nal do interrogatório, o moderador apresenta uma síntese ou simula geral.

AINEL INTEGRADO

erização da técnica

uma variação da técnica de fracionamento. O grande grupo é dividido em subgrupos que são totalmente dos após determinado tempo de discussão, de tal forma que cada subgrupo é composto por integrantes de rupo anterior. Cada participante leva para o novo subgrupo as conclusões e/ou idéias do grupo anterior, ssim possibilidades de cada grupo conhecer as idéias levantadas pelos demais. A técnica permite a o de conceitos, idéias, conclusões, integrando-os.

ca é útil para:

roduzir assunto novo.

grar o grupo.

brar um documento básico sobre determinado assunto.

r a participação de todos.

liarizar os participantes com determinado assunto.

Continuar um debate sobre tema apresentado anteriormente sob a forma de preleção, simpósio, projeção de slides ou filmes, dramatização, etc
Fundar o estudo de um tema.

Aplicar a técnica quando:

- Trabalhar com grupos de 15 pessoas, no mínimo.
- Permitir proporcionar contato pessoal entre os membros do grupo.
- Evitar diluir o formalismo do grupo.
- Ter um interesse em elevar os níveis de participação e comunicação.
- Queremos obter uma visão do assunto sob vários ângulos.
- Tempo for limitado.
- Ter possibilidade de deslocamento de cadeiras e de sua arrumação em círculos.

Como usar a técnica

- Escolher com antecedência o tema e a aplicação da técnica em função do número de participantes, natureza do assunto, tempo disponível, espaço existente, etc....
- Explicar ao grupo o funcionamento da técnica, o papel e as atitudes esperadas de cada membro e o tempo disponível.
- Dividir o grupo em subgrupos. Apresenta as questões ou o tema para discussão. Esclareça que todos devem expor as idéias e conclusões do grupo para transmiti-las aos demais grupos.
- Formar novos grupos integrados por elementos de cada um dos grupos anteriores, elegendo um relator para cada um, com o fim de apresentar as conclusões ao grupo.
- Elaborar um sumário das conclusões dos grupos e permita que estas sejam discutidas para se chegar ao consenso.

TECNICA DO CIRCULO PROGRESSIVO

Caracterização da técnica

Trabalho individual que progride para o grande grupo através da formação sucessiva de grupos que se formam pela junção de grupos formados na etapa anterior, que vão aumentando até se fundirem num só grupo. Em cada etapa sucessiva os grupos devem retomar as conclusões da etapa anterior a fim de consolidá-las, harmonizando-as.

Para que a técnica é útil para:

- Fundar o conhecimento de um tema pelas diferentes visões e maneiras de abordá-lo e tratá-lo.
- Permitir que os participantes entendam o tema.
- Organizar o grupo.
- Introduzir um conteúdo novo.
- Permitir a participação de todos os membros do grupo.
- Retomar conclusões do grupo acerca de um assunto-problema.
- Seguir o debate sobre um assunto anteriormente apresentado sob a forma de audiovisual, dramatização, etc.

Aplicar a técnica quando:

- Trabalhar com grupos de 15 pessoas, no mínimo.
- Conveniente quebrar o formalismo do grupo.
- Queremos obter o consenso grupal acerca do tema que esteja sendo estudado.
- Queremos incrementar a discussão, possibilitando a todos darem a sua contribuição.
- Condições físicas do ambiente permitirem o deslocamento de cadeiras e sua disposição em círculo.
- Queremos valorizar a contribuição pessoal de cada membro e a troca de experiências.

Como usar a técnica

- Escolher com antecedência a reunião em que aplicará a técnica, em função do tema, do número de participantes, do tempo, etc.
- Na apresentação do problema ou distribuição das cópias do assunto a ser discutido a todos os participantes, explique o funcionamento da técnica em suas várias etapas, como p.e.:
 - Leitura individual do texto ou resposta por escrito a uma questão feita.
 - Grupamento de dois ou mais membros que analisam, discutem e elaboram uma conclusão com base nas contribuições individuais.
 - Grupamento cujo número de membros seja múltiplo do número de integrantes dos grupos anteriores, trabalhando as conclusões anteriores, listando-as e aglutinando-as.
 - Conclusões gerais do grupo (plenário).
- Tempo de etapas e o tempo de duração de cada uma é limitado pelo número de participantes e pelo assunto a ser tratado.

SEMINÁRIO

Caracterização da técnica

Utilizado para investigar ou estudar intensamente um tema em uma ou mais sessões planificadas, recorrendo a fontes originais de informação. É uma forma de discussão em grupo de idéias, sugestões, opiniões. Os participantes não recebem informações já elaboradas, mas investigam com seus próprios meios em um clima de interação recíproca. Os resultados ou conclusões são de responsabilidade de todo o grupo e o seminário se encerra com uma sessão de resumo e avaliação. O seminário é semelhante ao congresso, porém tem uma estrutura mais simples e um número mais limitado de participantes, sendo, porém, este grupo mais homogêneo.

A técnica é útil para:

- Analisar problemas.
- Formular a discussão em torno de um tema.
- Utilizar as conclusões pessoais, não levando necessariamente a conclusões gerais e recomendações.
- Apresentar em grupo idéias, opiniões e sugestões de interesse de um determinado grupo.
- Facilitar a troca de experiências entre grupos com um mesmo interesse ou conhecimento.

Indicações para a técnica quando:

- O grupo for pequeno e apresentar certa homogeneidade.
- Os membros do grupo tiverem interesses e objetivos comuns.
- O coordenador tiver bastante habilidade para conduzir o debate.
- Não existir marcantes diferenças de conhecimento entre os membros do grupo.
- Pretender dar ênfase ao conteúdo a ser debatido e a troca de experiências entre os membros.
- Não se desejar formar um consenso geral sobre determinados assuntos ou problemas.

Desenvolvimento da técnica

- Preparar o desenvolvimento dos temas, fixando os objetivos da discussão antes de iniciá-la.
- Fornecer informações já elaboradas aos participantes.
- Realizar várias sessões para o exame do assunto ou problema.
- Terminar com uma sessão de resumo e avaliação.

SIMPÓSIO

Caracterização da técnica

Exposição sucessiva sobre diferentes aspectos ou fases de um só assunto ou problema, feita por uma equipe selecionada (3 a 5 pessoas) perante um auditório, sob a direção de um moderador. O expositor não deve falar mais de 20 minutos na sua preleção e o simpósio não deve ir além de hora e meia de duração. Ao final do simpósio o auditório poderá participar em forma de perguntas diretas.

A técnica é útil para:

- Apresentar informações abalizadas e ordenadas sobre os diferentes aspectos de um tema.
- Apresentar fatos, informações, opiniões, etc., sobre um mesmo tema.
- Permitir a exposição sistemática e contínua acerca de um tema.
- Situações em que os objetivos são muito mais a aquisição de elucidações do que propriamente a tomada de decisões.
- Temas de problemas complexos que devam ser desenvolvidos de forma a promover a compreensão geral do assunto.

Indicações para a técnica quando:

- Quando houver exigência de interação entre os participantes.
- Quando os padrões do grupo e a identidade entre seus membros forem de tal ordem que tornem aceitável uma técnica de exposição formal.
- Quando a formalidade das exposições não prejudicarem a compreensão do conteúdo do tema.
- Quando os membros do grupo forem capazes de integrar, num todo homogêneo, as idéias apresentadas por diferentes pessoas nas diversas partes da exposição.
- Quando o grupo não for julgado bastante maduro para superar possíveis conflitos gerados numa discussão livre sobre um assunto relativamente complexo.
- Quando houver interesse em se colocar diferentes pontos de vista sobre um assunto.
- Quando o número de participantes é muito grande para permitir o interesse total do grupo.

Desenvolvimento da técnica

- Selecionar e convidar os expositores do simpósio. Estes não devem ter idéias preconcebidas e devem apresentá-las sem paixão.
- O moderador deve reunir-se previamente com os oradores para garantir o acordo sobre o fracionamento lógico

assunto, identificar as áreas principais e estabelecer s horários.
união, o moderador deve apresentar os integrantes do simpósio, expor a situação geral do assunto e
as partes que serão enfatizadas por cada expositor, criar atmosfera receptiva e motivar o grupo para as
sições.
integrantes do simpósio devem fazer apresentações concisas e bem organizadas dentro do tempo
elecido.
oderador poderá, quando oportuno, conceder a cada integrante do simpósio, um certo tempo para
recimentos e permitir que um participante possa formular uma ou duas perguntas a outro expositor.

ENCADEAMENTO DE IDÉIAS

erização da técnica

com grupos entre 12 e 30 pessoas, sobre assunto já trabalhado com todo o grupo. Possibilita recordação
e estimulante exercício mental.

ca é útil para:

- fundar o estudo de um tema.
- dados sobre o nível de informação e compreensão individual do assunto.
- zação do raciocínio.
- nnular o interesse do grupo sobre o tema.
- nnular a participação geral do grupo.
- utir grande número de questões em pouco tempo.

écnica quando:

- upo possuir entre 12 e 30 membros.
- upo já domine o assunto e houver interesse em revisão.
- jarmos a participação de todos os membros do grupo.
- jarmos identificar cada membro do grupo.
- jarmos estimular e agilizar o raciocínio.

sar a técnica

nnizar duas fileiras de cadeiras, voltadas face a face.
âmica se inicia com o primeiro da fileira direita fazendo uma pergunta ao primeiro da esquerda.
ondida a questão, o segundo da direita usará a resposta dada para formular a sua pergunta ao segundo
squerda, mantendo o encadeamento da idéia. E assim sucessivamente.
nnado, volta-se ao início, mas agora invertendo as posições.
o as perguntas como as respostas devem ser feitas e dadas rapidamente, de forma concisa, não havendo
vala entre pergunta-resposta-pergunta-resposta-....

EMPESTADE CEREBRAL

erização da técnica

cnica de produção de idéias ou de soluções de problemas em grupo. Possibilita o surgimento de aspectos
que não iriam ser, normalmente, levantadas. Na prática não deve ser estabelecida nenhuma regra ou
nninando assim todos os prováveis bloqueios ao "insight".

ca é útil para:

- nnvolver a criatividade
- ar bloqueios de personalidade.
- er a cegueira intelectual que nos impede de vê as mil e uma soluções de cada problema.
- um clima de otimismo no grupo.
- nnvolver a capacidade de iniciativa e liderança.

écnica quando:

- estiver encontrando idéias para novas iniciativas.
- estiver encontrando solução para algum problema.
- sar que o grupo comprove sua capacidade de abrir caminhos e produzir soluções.
- sar romper bloqueios criados na personalidade do grupo ou de membro do grupo.

sar a técnica

onha o pessoal como for possível, de preferência em círculo.
um clima informal e descontraído de esportividade e muita espontaneidade.
enda (proíba mesmo) críticas, julgamentos, explicações. Só vale colocar a idéia.
r todos a romper com sua auto-censura, expondo o que lhe vier a cabeça, sem pré-julgar.

que emitam idéias em frases breves e concisas.
Os devem falar alto, sem ordem preestabelecida, mas um de cada vez.
Evitar cochichos, risinhos e conversas paralelas.

Um grupo de 20 pessoas, o número de sugestões dadas em cinco minutos é 100. Sinal de que o grupo é capaz de não desanimar se nos primeiros exercícios ficarem muito aquém deste número. Tudo é questão de treino.

DISCUSSÃO CIRCULAR

Caracterização da técnica

Encadeamento de aspectos dentro de uma mesma idéia. Oferece oportunidade ao raciocínio e à comprovação do entendimento do assunto.

Esta técnica é útil para:

- Exercitar o raciocínio individual.
- Fazer a revisão do assunto.
- Comprovação do entendimento e dos pontos falhos.
- Oferecer oportunidade a todos de expressarem seu entendimento ou dúvida.

Esta técnica quando:

- O estudo de um assunto estiver completo.
- Precisa-se rever um assunto.
- Precisa-se reforçar o conteúdo de um assunto.
- Precisa-se estimular o raciocínio encadeado.
- Precisa-se anotar os atos falhos sobre um assunto.

Como aplicar a técnica

- Apresenta-se uma pergunta de forma clara e condensada.
- Verifica-se se todos entenderam a questão apresentada.
- Cada um deve apresentar um aspecto novo sobre a pergunta feita, ou seja, não vale repetir o que já foi falado.
- Cada um tem um minuto, no máximo, para se expressar.
- Apresenta-se a pergunta e fazer os esclarecimentos que se fizerem necessários, pedir a alguém que se sente para iniciar a rodada.
- Cada um, do seu lado, é que deve continuar, não devendo ser permitido "saltar" para outro.
- Ninguém deve interromper ou responder a uma crítica enquanto não chegar a sua vez.
- A "discussão circular" continua até que todos achem que nada mais há a acrescentar, ou até esgotar o tempo disponível.
- Na primeira rodada, em que todos devem participar, pode ser pedida a dispensa da palavra com um: "passo".

TÉCNICA DE RUMINAÇÃO

Caracterização da técnica

Encadeamento do esforço individual com o do grupo, no entendimento de um texto. Leva a uma leitura cuidadosa, lenta e profunda do texto, de forma individual.

Esta técnica é útil para:

- Exercitar a leitura de um texto com o máximo de atenção.
- Exercitar a leitura compreensivamente.
- Exercitar a apreensão de detalhes de um texto.
- Exercitar a apreensão dos aspectos gerais de um texto.

Esta técnica quando:

- Precisa-se conhecer as condições do grupo em apreender um texto.
- Precisa-se treinar leitura e interpretação de texto.
- Quando o grupo tiver um mínimo de condições de leitura.
- Quando o assunto exigir aprofundamento.

Como aplicar a técnica

- Distribui-se o texto entre os participantes, solicitando-se que o mesmo seja lido integralmente e de uma só vez, sem comentários, para que o referido texto não seja nem muito longo nem muito sintético.
- Após esta primeira leitura, os participantes são convidados a uma segunda leitura, devendo ser anotadas as dúvidas que não foram compreendidas, bem como aquelas compreendidas e consideradas significativas ou fundamentais do texto.

esta segunda leitura, será levado a efeito um trabalho de esclarecimento quanto às partes não compreendidas, com a cooperação de todo o grupo e o coordenador. Cada participante expõe suas dúvidas, o grupo procurará esclarecer, sendo que, quando a mesma não conseguir, o orientador o fará. Terminados os esclarecimentos, será feita uma terceira leitura em que cada participante fará um questionário a respeito do texto, indicando:

- dúvidas que o texto tenha sugerido;
- dúvidas paralelas que a leitura tenha suscitado;
- interpretação geral do texto e suas intenções;
- questões outras que o texto possa sugerir.

participantes, a seguir, se reunirão em grupos de 3 a 5 pessoas e discutirão as suas dúvidas, reduzindo-as à só relação.

seguir, cada grupo apresentará as suas dúvidas ou questões que serão discutidas por todos.

mente, após o término do momento anterior, o orientador fará uma apreciação do trabalho desenvolvido, completando-o se necessário.

AINEL DUPLO

erização da técnica

despertar aspectos sobre o tema que não foram trabalhados. Pode ser usada mesmo após uma palestra, etc.

ca é útil para:

- envolver a capacidade de pensar e raciocinar logicamente.
- ajudar a entender o ponto de vista de outra pessoa.
- ajudar as pessoas muito seguras de seu ponto de vista a analisarem logicamente sua posição e a posição alheia.
- envolver a capacidade de argumentação lógica.
- ajudar a entender determinado tipo de pessoa de que sua posição é mais sólida emocionalmente do que racionalmente.

écnica quando:

temas não forem aceitos uniformemente pelo grupo.

sar a técnica

tem-se a cooperação de sete pessoas que formam dois mini-grupos, um defendendo uma tese e o outro a atacando ou defendendo o contrário.

tem-se os papéis. O ataque passa à defesa e a defesa passa ao ataque.

um grupo pode manifestar-se, apoiando as teses que achar mais corretas.

mpo todo alguém funciona como moderador.

ÓRUM

erização da técnica

é boa para garantir a participação de grande número de pessoas, sobre temas contraditórios, embora participem como observadores do debate.

ca é útil para:

- organizar o grupo.
- envolver a capacidade de raciocínio.
- envolver a logicidade.
- ajudar a saber vencer e a saber perder.
- envolver a capacidade de aceitar pontos de vista contrários.
- envolver a imparcialidade de julgamento.

écnica quando:

- quer-se treinar o grupo a não se envolver emocionalmente na questão, desenvolvendo a racionalidade.
- quer-se despertar a participação da assembléia através de depoimentos.
- quer-se discutir temas controversos.

sar a técnica

tem-se três participantes: um defende, o outro contesta o tema, e o terceiro coordena.

a assembléia deve participar, colocando-se de um lado ou de outro.

almente, o moderador oferece uma conclusão.

Para aumentar a participação pode-se constituir um corpo de auxiliares da defesa e da acusação, e um júri.

TECNICA REDONDA

Caracterização da técnica

As pessoas dispoem de tempo para discutir um assunto, em igualdade de condições.

A técnica é útil para:

- Permitir ou refletir sobre um tema ou situação-problema.
- Permitir a participação de todos (num grupo pequeno).
- Permitir chegar a uma decisão participativa e, quando possível, unânime.
- Permitir aos participantes assumir responsabilidades. Participação na decisão é garantia de colaboração.

Características da técnica quando:

- Há sinceridade do diálogo.
- Há igualdade entre os participantes.
- Há um consenso comum de comunicação.
- Há uma definição clara do tema ou problema e do objetivo a que se quer chegar.

Como aplicar a técnica

- Pequeno número de participantes, sentados em um círculo, em igualdade de condições.
- Discussão livre entre si sobre o tema proposto.
- Participação bem livre.

TECNICA GRUPO PAC

Caracterização da técnica

A Técnica Transacional estabelece três estados do EU que chama de:

ADULTO, CRIANÇA.

As características típicas dos PAIS incluem passar sermões, tomar conta dos outros, alimentar, punir, criticar, apiedar-se, dar ordens.

Um indicício para a descoberta de quando um indivíduo está agindo com o estado do EU-PAIS é observá-lo agir. Geralmente está usando as expressões: Você deve, você precisa, isto está certo, sempre..., nunca...

As mãos cruzadas sobre o peito e o dedo em riste.

O estado EU-CRIANÇA é facilmente identificável por expressões emotivas como: Puxa! Eu quero! Viva! Legal!.

Quando uma pessoa está no estado do EU-CRIANÇA está sorrindo, rindo, chorando, tem explosões emotivas, mete-se a brincar, diverte-se e faz os outros divertirem.

O estado EU-ADULTO é objetivo, calmo, tranqüilo.. O adulto usa expressões que revelam dar informação, fazer planos, resolver problemas e discutir racionalmente.

De maneira geral é possível, ao interpretar conversas rotineiras, identificar o estado do EU que está dominando a interação.

Dois alunos de uma escola, Maria e João, foram apanhados matando aula. Como agiriam os Eus para dizer: Pegaram Maria matando aula?

Aluno 1: Este mundo está perdido. Que desavergonhados.

Aluno 2: Você viu realmente?

Aluno 3: - Puxa! Que azar o deles.

Aplicação da técnica em aula, formando três grupos distintos - o grupo judicioso (PAIS), o grupo computador (ADULTO) e o exemplificador (CRIANÇA).

Como aplicar a técnica

- Não é possível organizar com antecedência: os conceitos, as informações, as definições e as frases.
- Em uma unidade de estudo, formam-se três grupos: grupo judicioso (PAIS), grupo computador (ADULTO) e

o exemplificador (CRIANÇA).
Preciso ao grupo uma série de dados: conceitos, definições, informações incompletas (mas não erradas).
O coordenador lê o conceito (incompleto) e o grupo computador deve reformular o conceito.
Formulado o conceito, o grupo exemplificador dá exemplos que ilustram o conceito.
O juiz ou o grupo judicioso julga o conceito e o exemplo.
Depois, depois de analisados 3 ou 4 conceitos, fazer um rodízio de grupos.
Os grupos poderão ser avaliados em função das respostas dadas.

Deverá ser organizado um GTA (Grupo de Trabalho de Avaliação) que anotará e dará nota aos grupos.

OBJETIVO PEDAGÓGICO

Objetivação da técnica

Permite possibilitar o treinamento de respostas a questões propostas, levando o grupo a uma atenção quanto a aceitação ou rejeição às respostas oferecidas.

A técnica é útil para:

- Melhorar o disciplinamento do pensamento.
- Melhorar o questionamento a questões.
- Melhorar a habilidade em responder questões.
- Envolver a percepção do "endosso" ou do "protesto" a questões apresentadas.
- Envolver a capacidade de argumentação.
- Envolver a capacidade de síntese e de ordenação do pensamento

Indicação da técnica quando:

- Quando o aluno tiver inicialmente desenvolvido um trabalho dirigido que possa alcançar os objetivos propostos.
- Quando for possível elaborar questões com soluções que abranjam poucas operações, propiciando o necessário reforço da satisfação do acerto.
- Quando for preparar um gabarito preciso e conciso em cada resposta (de preferência do livro-texto).

Como usar a técnica

Os evangelizandos foram distribuídos em: Grupo A versus Grupo B ou Meninos versus Meninas ou Ímpares versus Pares. A disposição dos candidatos ou grupos, nas mesas, será dada ou orientada pelo Juiz. O evangelizando deverá estar munido com o material de estudo e bem informado sobre a atividade. O evangelizador indica um exercício para ser resolvido e marca o tempo de resolução. Quando terminado o tempo, o Juiz (geralmente o evangelizador ou um bom evangelizando) indica um da equipe A para responder. Quando houver a resposta, o seu advogado (da equipe A), diz: endosso (isto é, concordo com a resposta). O advogado opositor (equipe B), se concordar com a resposta, diz: confirmo. Se não concordar, diz: Protesto. Se o endosso for certo, a equipe A ganha um ponto. Se o endosso for errado, o juiz propõe uma rebatida ao advogado da A ou da B, ganha um ponto para si cinco (5) pontos, e para o grupo um ponto. Se o advogado opositor protestar o erro endossado, ele deverá indicar um componente do seu grupo para responder. Se a resposta for certa, o grupo ganha um ponto e ganha a vez da saída para a próxima questão. Se o advogado protestar o certo (ou o errado), dar-se-á o debate entre os advogados, e o que vencer, ganhando o certo, ganhará para si cinco pontos e cinco para o grupo. Deve haver continuidade do processo em duas ou mais reuniões, se o conteúdo o permitir. Deve haver rodízio de advogados, promotores e juiz. Quando aconselhável, caso haja avaliação, converter os pontos obtidos em notas de aproveitamento. No manejo da classe, no trabalho, o juiz deverá mencionar o evangelizando que deve responder, assim: Aluno da mesa 2, responda. Se a resposta não for dada de imediato, o evangelizando não terá direito de recorrer ao seu advogado, perdendo um ponto e a vez.

DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO DA SALA

Promotor JUIZ Promotor	
Advogado Advogado	
Mesa 1	Mesa 6
Mesa 2	Mesa 5
Mesa 3	Mesa 4

DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA DO RUMOR OU DO BOATO OU CLÍNICA DO RUMOR

Objetivação da técnica

em por ocasião da Segunda Guerra Mundial, a fim de fazer frente aos inúmeros boatos surgidos em ocasiões desse fato.

ca é útil para:

ar a percepção da comunicação livre dos bloqueios, ruídos, filtragens, que põem obstáculos não só ao ionamento dos membros, como também à produtividade do grupo.

Use a técnica quando:

ício de um curso, de uma conferência, de uma reunião de grupo ou como tema introdutório de relações anas.

do se pretender demonstrar o efeito das distorções de comunicação.

do se necessita demonstrar as filtragens de comunicação em termos de circulares, avisos, portarias, etc.

do se desejar a intercomunicação entre pessoas ou entre grupos.

reuniões onde as comunicações estão defasadas, é interessante utilizar no início das discussões.

sar a técnica

balho poderá ser realizado através de dois tipos de estimulação: verbal e gráfico.

mulação gráfica:

O dirigente deverá prover-se de uma lâmina de tamanho grande que represente uma cena na qual figurem pelo menos 20 detalhes significativos. Deverá dispor também de um aparelho gravador para registrar textualmente as sucessivas exposições. Costuma-se usar lâminas em que os objetos ou situações são desenhadas com certa ambigüidade, a fim de poder observar a capacidade de percepção dos indivíduos na experiência. Utilizam-se, também, duas lâminas.

O dirigente convida seis ou sete pessoas para atuar como protagonista de uma experiência interessante. Solicita a estas pessoas que se retirem do local por um momento, dizendo-lhes que quando forem chamadas, uma por vez, deverão escutar atentamente o que se lhes diz e repetir o mais exatamente possível. Não se informa ao protagonista o objetivo da prova, se bem que isso pouco importe.

Coloca-se diante do grupo a lâmina grande, mas de tal forma que não seja visível para as pessoas que vão entrando.

O dirigente chama uma das pessoas que saíram e pede a um espectador previamente designado que descreva a lâmina em voz alta, enquanto o primeiro sujeito da experiência presta atenção ao relato, sem ver a lâmina.

Antes de começar a descrição da lâmina faz-se funcionar o gravador, o qual registrará o processo até o final da experiência.

Através desta primeira descrição direta da lâmina o grupo poderá advertir "quão eliminadora de detalhes e imperfeita pode ser uma percepção ainda quando seja descrita por um indivíduo que nesse momento estivesse observando diretamente a cena".

Terminada a descrição da lâmina pelo primeiro indivíduo, chama-se ao recinto um segundo sujeito, o qual se coloca junto ao primeiro, sem que nenhum dos dois veja a lâmina. O primeiro indivíduo descreve então ao segundo o que acaba de ouvir, fazendo-o com a maior fidelidade possível. Então o primeiro pode sentar-se entre os espectadores, pois sua tarefa está terminada.

Faz-se entrar o terceiro indivíduo e procede-se do mesmo modo que no passo anterior. O segundo relata ao terceiro o que acaba de ouvir. Assim sucessivamente com todas as pessoas que tenham saído do recinto, até que o último deles repita o que o penúltimo relatou.

Ouvem-se os relatos através das gravações ou do relator e debate-se o assunto, em termos de distorções de comunicação.

o estimulação verbal se pode utilizar um texto, com mais ou menos 20 detalhes significativos.

ODO CASUÍSTICO DE HARVARD

erização da técnica

se tem-se dado ênfase ao estudo de casos, não só na empresa, mas também na escola. O chamado caso a reunião de debates, a fim de que as opiniões e as informações favoreçam seu melhor entendimento.

écnicas têm sido desenvolvidas, envolvendo principalmente as teorias do desenvolvimento do pensamento

casuístico, desenvolvido pela Harvard Business School, nos EUA, tem sido usado em diversas des, empresas e escolas.

sar a técnica

cidas algumas sugestões aos coordenadores das reuniões de grupo. São as seguintes:

ecrer aos participantes, em cópias, um caso que é apresentado em forma de teste de dupla escolha (certo, do). Nesses testes são apresentados os dados do problema..

dez a quinze minutos para que cada participante leia o caso e responda às questões.

quanto os participantes estão completando o caso, escrever os números de 1 a 10 no quadro de giz, com as as "certo-errado". Quando todos terminarem, reunir os evangelizando participantes em grupos de dois ou quatro a fim de que o assunto seja debatido.

ndo da primeira afirmação, perguntar a cada grupo (ou a um relator previamente designado) os motivos levaram os participantes a responder "certo" ou "errado". Os debates deverão concentrar-se, de erência, nas questões em que haja grande diferença de opiniões. Nesta etapa o coordenador deverá uzir a reunião a fim de evitar discussões dispersivas e cansativas, sem resultado.

is da discussão (mas sem relação com respostas em que houve um consenso), pedir ao grupo que onda de novo as afirmações à luz dos debates, que devem corresponder aos ensinamentos doutrinários.

as respostas previamente consideradas corretas a fim de que os participantes verifiquem, em grupo, como uziram o teste.

ar a distribuição das respostas no quadro de giz.

tapa das respostas às perguntas - por quê -, o coordenador poderá contrapor o raciocínio dos mais os ao daqueles menos exatos (ou completos), apresentar seus próprios argumentos ou comparar o caso princípios doutrinários implicados na compreensão e na resolução de problemas.

nizar uma equipe que, ao final, fará a avaliação das respostas às discussões.

êm tomar certas precauções ao levar um caso ao debate:

Os casos não devem ser muito longos ou complexos, o que pode levar os participantes a discordâncias, que por vezes podem ser de difícil solução.

Deve haver, no exercício-caso, respostas certas e erradas. Quando não há respostas certas os participantes não acham fácil encontrar uma solução objetiva para suas divergências.

Quando o caso tiver problemas de fatos, opiniões, sentimentos, suposições, atitudes, convém discriminar os "incidentes críticos", a fim de facilitar a solução.

Poder-se-á, se for o caso, acrescentar ao estudo do caso o comentário de vários "experts" como guias para o debate do caso.

Os grupos, se possível, poderão ser divididos de acordo com a atividade de cada elemento: grupo de supervisão, grupo de treinamento, etc.

Insistir no fato de que, quando se examinam esses casos, os grupos devem concentrar-se no que acontece e por quê, nas relações interpessoais que o caso envolve, do que essencialmente está sendo tratado, em quem é o culpado. Não se trata de uma tarefa de detetive. Esta abordagem provavelmente levará mais à crítica negativa que não é fecunda quanto à compreensão positiva e à análise criativa do relacionamento humano.

Convém certificar-se de que a análise do caso levará o grupo para a decisão e a ação. A análise deverá ser feita exaustivamente, levando em conta todos os elementos antes da decisão. As conclusões prematuras, baseadas apenas em experiências pessoais (em minha opinião, porque eu tive um caso, etc.) levam a distorções dos fatos.

No tocante a decisão e ao consenso, convém perceber que, do ponto de vista da pessoa que considera o caso, raramente haverá concordância com os outros, na etapa de discussão. Diversas soluções ou decisões alternativas vão surgir. Alguns elementos poderão ser convidados para debater seus pontos de vista, para tanto, ser-lhes-ão dados cinco minutos de defesa.

Tratando-se de problemas humanos, onde são tantos fatores imprevistos e imprevisíveis, raramente podemos dizer que há uma solução perfeita sobre a qual todos concordem. Mediante o processo da própria análise e do treinamento do processo de avaliação, da interpretação das diversas suposições, gradativamente, chegaremos a soluções de consenso.

O objetivo desse trabalho de grupo não é a solução do caso, mas o desenvolvimento de uma proveitosa abordagem da questão.

MÉTODO CIENTÍFICO BÁSICO

erização da técnica

ca é útil para:

...citar o raciocínio e a imaginação criadora.
...bilitar o estudo de um tema em seus pontos-chaves.
...gir e esclarecer, de forma imediata, dúvidas sobre o tema proposto.

...ca quando:

...sar a técnica

...sentação do tema em uma palavra ou expressão-síntese.

...ção do quadro em partes iguais, tituladas:

O que queremos saber?

O que pensamos?

O que concluímos?

...sentação e fixação, no quadro de giz, das questões-chaves já preparadas anteriormente (o que queremos saber?).

...ações de mais algumas questões, propostas na hora, pelos participantes.

...mente, os participantes vão respondendo às questões, que o coordenador anota, sinteticamente, no quadro (O que pensamos?).

...ecimento de fontes de pesquisa previamente selecionadas ou vivência de experiências concretas que forneçam elementos para avaliação de suas respostas (etapa de pesquisa em pequenos grupos).

...a-se ao plenário para a apresentação de resultados finais, com comentários enriquecedores.

...ordenador anota os resultados finais no quadro de giz, sinteticamente (O que concluímos?).

...nal, se alguma questão foi de maior interesse, pode-se dar a ela um enfoque mais amplo.

...participante deverá registrar as conclusões finais e guardá-las consigo, para posteriores consultas.

...1. SOU

...sar a técnica

...r um cartaz contendo afirmativas com dicas alusivas ao que se deseja que os evangelizados descubram.

...os menores afirmativas pequenas e fáceis; para os maiores, maior complexidade. No final do cartaz, o que se deseja que descubram.

...descobrimo o cartaz, afirmativa após afirmativa; depois de cada afirmativa, perguntar: Quem sou eu?

...ção conseguem identificar, descobrir mais uma afirmativa.

...do descobrirem, mostrar o final.

...A DE SEGREDO

...sar a técnica

...car a caixa de presente sobre a mesa e aguardar a reação da classe.

...r que este presente está relacionado com o tema da aula e que devem adivinhar o que é.

...ndo dicas para que a classe descubra.

...rtir daí, entrar no assunto.

...ossível, no final da aula, sortear o presente.

...RINTO

...sar a técnica

...r um cartaz contendo uma frase sobre o SIM ou NÃO.

...tribuir um labirinto para que os evangelizados cheguem ao SIM ou NÃO.

...ntar quem encontrou mais SIM e mais NÃO.

...em encontrou mais SIM cabe arriscar o primeiro palpite sobre a frase escondida: - Devemos dizer SIM ou NÃO para esta frase?

...s de descobrir a frase, perguntar a quem fez mais NÃO: - Devemos dizer SIM ou NÃO para esta frase?

...sentar a frase e deixar que a leiam.

...o perguntar se a frase merece um SIM ou um NÃO.

...rtir daí, desenvolver o conteúdo da aula.

...ONDE-ESCONDE

...sar a técnica

...nder uma gravura numa carteira ou cadeira.

...que procurem alguma coisa escondida na sala de aula.

...rtir da descoberta desenvolver o conteúdo da aula.

...OLA SABIDA

...sar a técnica

uma bola de papel ou usar uma outra.
perguntas em tiras de papel, relativas ao tema da aula.
envolver o conteúdo da aula.
ar um círculo com a sala.
tribuir as tiras de papel pelos evangelizandos.
r a bola para um deles. Este deverá responder à pergunta que está no seu papel.
ele não saiba a resposta, joga a bola para outro que a deverá responder. Assim por diante até que
em responda.
a volta para o evangelizador que a joga para outro evangelizando, começando tudo outra vez.

PALAVRAS CRUZADAS MUDAS

sar a técnica

lher uma palavra-chave do tema da aula, por exemplo: Jesus.
do uma cartolina, fazer um diagrama de palavra-cruzada, onde serão escritas as palavras.
ever em pedaços de papel uma palavra relativa à palavra-chave escolhida, numerando os pedaços de
l de 1 a 5.
ear 5 evangelizandos e entregar a cada um, um dos pedaços de papel contendo uma questão.
r que deverão, na ordem numérica, apresentar a palavra para o resto da sala através de uma mímica.
do a sala descobrir, ele colocará a palavra no diagrama.
pletando o diagrama, aparecerá a palavra-chave, que deverá estar em destaque no diagrama.
omeçar a desenvolver a aula.

FLANELÓGRAFO VIVO

sar a técnica

ões tendo de um lado um número e do outro lado palavras que correspondem à resposta daquela pergunta.
s cartões serão presos ao flanelógrafo com os números à vista.
los e pedir à classe que olhe com atenção o que está escrito em cada cartão.
car que irá fazer as perguntas a que as respostas deverão ser dadas através dos números. Se o número
pelo evangelizando não corresponder à resposta da pergunta, o cartão voltará a sua posição antiga, isto
número para cima.

evangelizador terá o cuidado de colocar os números sem seqüência lógica alguma.

QUAL É A PALAVRA-CHAVE

sar a técnica

ões tendo de um lado um número e de outro uma pergunta.
meira letra da resposta de cada pergunta poderá pertencer ou não à palavra-chave. O evangelizador
ntirá que a palavra seja a desejada e não um sinônimo.
a um evangelizando que escolha um número. Virá-lo e ler a pergunta.
is de respondidas todas as perguntas, pedir que cada evangelizando (ou grupo) forme a palavra-chave do
.
erão ser feitas mais perguntas do que letras da palavra-chave.

MÍMICA

sar a técnica

ir o grupo em subgrupos.. De preferência em dois.
grupo deve escolher títulos de parábolas ou histórias de Jesus, ou nomes de livros espíritas (por autor
ado ou livre).
grupo deverá indicar, à sua vez, um de seus membros para vir encenar a frase que lhe será dada pelo
o grupo.
em três minutos para através da mímica fazer com que seu grupo descubra a parábola ou história.
encenar ele deverá:
indicar para o grupo quantas palavras compõem a frase.
indicar qual a palavra que irá representar.

s- Poderão ser feitas combinações, válidas para os dois grupos, sobre as vogais, quando isoladas.

do o grupo descobre a frase, ou vence o tempo, passa para o outro grupo.

a grupo uma parábola ou história para que represente para que o outro grupo descubra qual é.

ANEL DE TRÊS

sar a técnica

ir o grupo em três subgrupos.. Denominá-los: Apresentador, Opositor e Assembléia.

upo Apresentador apresenta (sem ser interrompido), o conteúdo do tema.

upo Opositor anota o que não concorda e o que concorda. Após o Apresentador terminar, lança suas ações para o grupo.

sembléia, que tudo ouviu e anotou, apresenta seu depoimento.

angelizador conclui.

OUVINDO E CONCLUINDO

sar a técnica

angelizador faz uma pergunta sobre assunto já visto.

a a opinião emitida pelo grupo e pode fazer ligeiros comentários sobre as mesmas.

le a sala em pequenos grupos.

ibui textos para o estudo sobre a pergunta.

a leitura e discussão dos textos, deverão

Tirar conclusões sobre o tema.

Citar as mensagens julgadas mais importantes.

grupo apresenta suas conclusões e anota sobre a dos outros.

entam sobre o que ouviram.

angelizador deve fazer uma apreciação sobre as conclusões.

EXPOSIÇÃO INTRODUTÓRIA

sar a técnica

r ligeiro comentário sobre o tema.

ir a sala em 3 grupos.

grupo irá estudar alguns itens em textos ou livros levados pelo evangelizador.

ar que os grupos troquem idéias sobre suas conclusões, estabelecendo uma seqüência, de forma a que um

o evangelizando faça a apresentação final.

entário final pelo evangelizador.

STUDO DIVIDIDO

sar a técnica

ir a classe em 3 ou 4 grupos.

ir o assunto em partes iguais ao número de grupos.

egar a cada grupo parte da síntese do assunto para estudarem durante 5-10 minutos.

que comentem por escrito o que entenderam e as dúvidas que permaneceram.

ar as partes e os comentários entre os grupos, pedindo que analisem e completem o trabalho.

seguir até que o trabalho volte ao grupo original, que deve rever e dar unidade ao seu tema.

a um elemento de cada grupo para que leia o resultado.

angelizador faz a conclusão.

FIA

inho Minimucci - Dinâmica de Grupo: Manual de Técnicas - Edições São Paulo, Atlas.

o Giuseppe Nérici - Didática Geral Dinâmica - Edições São Paulo, Atlas

o Giuseppe Nérici - Metodologia do Ensino: uma Introdução - Edições São Paulo, Atlas

odologia do Ensino: Uma Introdução - Edições São Paulo, Atlas

Diaz & Pereira e Adair Martins Bordenave - Estratégias de Ensino-Aprendizagem - Editôra Vozes.

l Caviédes - Dinâmica de Grupo para uma Comunidade - Edições Paulinas.

Lisboa de Oliveira - Nova Didática - Editôra Tempo Brasileiro.